# A CIDADE RESSIGNIFICADA PELA MEMÓRIA: O *BLOG* E A *FANPAGE* "MARIA DO RESGUARDO" [1]

**GT15: Comunicação e Cidade**

Rafaella Prata RABELLO[2]
Christina Ferraz MUSSE[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Minas Gerais, Brasil

**Resumo**

O artigo tem como objetivo analisar a concepção da memória espacial e sentimental de postagens no *blog* e na *fanpage* do Facebook "Maria do Resguardo", criados em 2009. Procuramos desvelar as múltiplas representações da cidade de Juiz de Fora, MG, expostas nas fotografias "postadas", baseadas na memória, como referências fundamentais para a habitação desta "cidade imaginária" reconstruída na rede social, através de fotografias que ficam expostas na virtualidade. Propomos uma linha teórica sobre os eixos de discussão que o assunto suscita: os lugares de memória; o espaço urbano e sua configuração; o *blog* e o Facebook como espaços de trocas e avivamento da memória.

---

[1] Trabalho apresentado no GT 15: Comunicação e Cidade do XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC) Lima: 6, 7 y 8 de agosto 2014.

[2] Mestranda da linha "Comunicação e Identidades" do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG, Brasil. Jornalista pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e graduanda do 10º período de Letras pela UFJF. E-mail: rafaella_prata@hotmail.com.

[3] Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. E-mail: musse@terra.com.br.

**Palavras-chave:** Comunicação, Cidade, Memória, Facebook, *Blog*

## Introdução

Juiz de Fora é um município brasileiro no interior do estado de Minas Gerais. Localiza-se a sudeste da capital do estado (Belo Horizonte), distando de 283 km. Sua população foi contada, no ano de 2010, em 516 247 habitantes, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística[4], sendo então o quarto mais populoso de Minas Gerais e o 36º do Brasil. Nossa questão neste trabalho é entender de que forma o blog e a *fanpage* "Maria do Resguardo" atuam na produção das "*localidades*", entendidas como: "mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados" (APPADURAI, 2008, p.21).

A escolha do objeto de pesquisa se justifica pela tradição visual de Juiz de Fora que desde o Brasil Império tem na fotografia uma das formas mais expressivas de registro do seu cotidiano. Tanto que, o acervo da coleção de fotografias oitocentistas do Museu Mariano Procópio é referência para todo o país[5]. Além disso, por ter sido uma cidade com grande expressão na imprensa[6], existem fotos muito expressivas de todo o século XX, inclusive do golpe militar, que partiu da cidade e, este ano, completa 50 anos.

A cidade sempre teve uma veia memorialista muito forte. Pedro Nava, maior expoente do memorialismo no Brasil, nasceu na cidade e dedicou boa parte de

---

[4] Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/ Acesso em: 02 de mar de 2014.
[5] Ver: http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Rosane%20Carmanini%20Ferraz.pdf Acesso em: 02 de mar de 2014.
[6] Ver: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf Acesso em: 02 de mar de 2014.

sua obra a remontar os fragmentos de uma cidade do seu tempo. Em sua obra ele retrata o cotidiano e a vida da cidade do início do século XX, de uma Juiz de Fora imaginada, de ruas, casas e lugares. Para a escritora Rachel Jardim, também nascida na cidade, a memória dos cheiros e ruídos está presente nesta ressignificação imaginária.

Ao "postar" fotos antigas, o *blog* e a *fanpage* criada em torno do tema "fotografias antigas de Juiz de Fora" criam um laço comum: o da ressignificação espacial da memória da cidade, suas ruas, suas instituições e seus lugares. Tal como a Juiz de Fora que persistiu na memória de Pedro Nava e de Rachel Jardim, também a Juiz de Fora presente no *blog* e no Facebook é uma cidade imaginária e imaginada. A memória visual e ao mesmo tempo lírica da cidade é atiçada pelas fotografias apresentadas no ambiente virtual, permitindo a manipulação e a reprodução de imagens.

O fenômeno das redes sociais *on-line* é bem recente e nasceu de uma tendência natural do crescimento da internet em relação à criação de espaços de participação dos usuários. A primeira evolução na interação dos internautas com a internet foi o surgimento da ferramenta de criação dos *blogs*. A etapa seguinte na evolução histórica da internet em relação à interação com os usuários foi o surgimento da *web* 2.0[7]. A ideia por trás do conceito da *web* 2.0 é justamente a possibilidade de interação do público com a internet, através de ferramentas de *wikis*, postando vídeos no *YouTube* ou comentando assuntos em sites de notícias. As redes sociais substituíram, em larga escala, a experiência das pessoas com os blogs e os comunicadores instantâneos (tais como *MSN, ICQ*), que eram os grandes atrativos da comunicação mediada pelos computadores na internet 1.0.

[7] Disponível em: http://www.brasilescola.com/informatica/web-20.htm Acesso em: 02 de mar de 2014.

O Facebook foi criado[8] em 4 de novembro de 2004 por Mark Zuckerberg e outros alunos de Harvard com objetivo de conectar estudantes dessa universidade e, posteriormente, se estendeu a outras universidades de Boston, dos EUA, Europa e finalmente se espalhou para o mundo inteiro. Ao escolher trabalhar a *fanpage* na rede social Facebook, optamos por utilizar uma nova ferramenta de comunicação e interação entre as pessoas. Segundo dados[9] divulgados pelo Facebook sobre a sua versão brasileira, são postados ao mês 460 milhões de fotografias nessa rede social. A plataforma é utilizada por 76 milhões de brasileiros, segundo dados[10] do responsável pela rede social. O Brasil é o 2º país com mais usuários que entram diariamente no Facebook com a expressiva marca de 47 milhões de pessoas.

**Sobre as relações simbólicas com a cidade**

Na contemporaneidade a fragmentação do tempo e espaço tem levado a transformações constantes de identidade ou até mesmo, como afirmam certos autores pós-modernos, à perda da identidade fixa e constante. Segundo o sociólogo polônes Zygmunt Bauman, a vida contemporânea tem alterado a forma como as pessoas lidam com o tempo e com o espaço. Segundo Marc Augé (1998, p. 83), o termo não-lugar antropológico designa "(…) duas realidades complementares, mas distintas. Espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer), e a relação que os indivíduos estabelecem com esses espaços." Para Augé, o lugar antropológico possui três características comuns: ele é identitário, relacional e histórico. Baseando-se em

[8] Disponível em: http://www.agenciars.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/ Acesso em: 02 de mar de 2014.
[9] Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-facebook-no-brasil/ Acesso em: 02 de mar de 2014.
[10] Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram- diariamente-no-facebook.html Acesso em: 02 de mar de 2014.

Marc Augé (1994), Bauman (2001, p. 120) afirma que: “os espaços vazios são antes de mais nada vazios de significado”. Bauman discute como as cidades lidam com esses espaços vazios e defende que cada habitante tem um mapa mental de sua própria cidade.

A nostalgia manifestada na virtualidade pelas páginas da web que resgatam a história da cidade e lançam debates sobre a antiga e a nova Juiz de Fora nos fazem lembrar as cidades e os símbolos comentados por Italo Calvino (1990). As cidades são códigos que pressupõem uma leitura (decodificação) de suas representações. As instituições são alguns dos signos que podem ser reconhecidos nas cidades, porque existem espaços de cultura com orientações e reconhecimentos e também territórios de identidade e pertencimento. Para Calvino, “confirma-se a hipótese de que cada pessoa tenha em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (CALVINO, 1990, p.34).

Essa cartografia imaginária que busca engendrar uma possível legibilidade das cidades é exposta por Renato Cordeiro Gomes (2008). A percepção urbana para o autor é de que a cidade é uma linguagem dobrada em busca de ordenação. Ele considera que “a memória condiciona a leitura da cidade na busca de sentido explícito e reconhecível, que a sociedade moderna já não permite” (GOMES, 2008. p.44). E complementa explicando que: “a relação homóloga entre a cidade e a memória faz-se pela redundância, pelo repetível, marca da Experiência, onde há repetição do que mais profundamente se esquece” (GOMES, 2008. p.44).

Raquel Rolnik (2004) trata da arquitetura enquanto registro da vida social e como consequência os próprios espaços contam a sua história

> Na cidade escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel (ROLNIK, 2004, p.16).

Para a elaboração das representações da cidade ocorre uma demanda de memórias coletivas através da preservação de bens arquitetônicos. “Trata-se de impedir que esses textos sejam apagados, mesmo que, muitas vezes, acabem por servir apenas à contemplação, morrendo assim para a cidade que pulsa, ao redor” (ROLNIK, 2004, p.18). A manutenção da memória da cidade provém do trabalho dos cidadãos e através das redes sociais os mesmos tentam ressignificar Juiz de Fora.

Podemos considerar, então, que um exercício memorialístico é pertinente em gerações que se acostumaram a viver da superficialidade, da fragilidade, do imediatismo e das rápidas transformações trazidas com as tecnologias de comunicação utilizadas na internet, conforme nos alerta Bauman? Esse olhar sobre o passado pode produzir novos significados atribuídos a Juiz de Fora, que busca esclarecer de que modo as lembranças afetam a cidade que vive no imaginário e ao mesmo tempo estabelece outras perspectivas da cidade real.

**A ressignificação da memória de Juiz de Fora**

A memória da cidade é constituída por acontecimentos, lugares, pessoas, personagens. Através das fotos do blog conseguimos revelações de grandes monumentos e acontecimentos de diversas épocas. Na perspectiva de

Halbwachs toda memória é “coletiva”, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais se está lembrando. Até o momento, apenas os grupos hegemônicos que dominavam os critérios do que deveria ser lembrado, portanto, até então, era mais fácil só vermos diagnosticada a memória oficial. Esse fenômeno é submetido a transformações constantes.

Halbwachs acredita que recorremos a testemunhos para reforçar ou esquecer ou para completar o que sabemos de um evento: “Assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas” (2003, p.29). Sobre a memória coletiva, o autor afirma que: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.” (HALBWACHS, 2003,
p.30).

Atualmente as pessoas, grupos ou instituições se sentem autorizadas para consignarem suas lembranças, escrever, fotografar, filmar ou representar suas histórias, por seus autores e seus testemunhos: “Eu não conhecia Juiz de Fora antigamente, sou dos anos 70, praticamente anterior a isso não tinha memória de nada. Foi aí que eu decidi saber como era a cidade e isso despertou meu interesse para o blog” (LEMOS, 2012). Sendo assim, o blog e a *fanpage* “Maria do Resguardo” seriam uma tentativa de resgatar a história, por necessidade de sobrevivência e reconstrução de uma memória fragmentada da cidade.

Em contraponto ao conceito de não-lugar, um segundo conceito que gostaríamos de trabalhar no artigo é o de lugares de memória do historiador francês Pierre Nora. Pierre Nora (1998) identifica “os lugares de memória” e afirma que se é necessário sacralizar a memória é porque ela não existe mais. Ele acredita que se

habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Os lugares da memória resultam dessa tensão entre o vivido, o narrado, o registrado e o esquecido da maneira como a sociedade os reorganiza: “os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1998, p.13). Esse estoque de memória serve para o que nos seria impossível lembrar

> São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual” (NORA, 1998, p. 21).

As novas significações dependem do que habita nos imaginários dos sujeitos com novas lembranças ou apagamentos. Nestes imaginários, ficam tencionadas a subjetividade individual e os discursos hegemônicos, estes últimos seletivamente, nos indicam o quê lembrar, criando os “lugares de memória”, em que as mídias têm um papel especial.

Em relação ao excesso de memória e valorização do passado, chegamos então a um conceito que gostaríamos de abordar que é o de excesso de memória, preconizado por Andreas Huyssen. A sensibilidade memorial desde a década de 80, como observa Huyssen (2000), tem levado setores ligados à cultura a uma verdadeira obsessão pelo passado. Isso se dá porque a velocidade tem destruído o espaço, apagando a distância temporal. “Quanto mais memória armazenamos em banco de dados, mais o passado é sugado para a órbita do presente, pronto para ser acessado na tela” (HUYSSEN, 2000, p.74). E, assim, esse excesso de

informação a que somos submetidos é causado pelo sentimento do medo de esquecimento. Por isso, tentamos combater esse sentimento com estratégias de rememoração pública e privada.

Entendemos que o blog e a *fanpage* funcionam como lugares que congrega e armazena as referências dos juiz-foranos. “A memória dos grupos, portanto, parte de uma forma concreta de um fato antigo e submete-o a constantes recriações que atendem às necessidades espirituais do presente dos seus integrantes.” (MARCONDES, 1996, p.313) O autor também reflete como essa rede social interfere nos acontecimentos memoráveis:

> As tecnologias transformam a maneira de as pessoas recuperarem e utilizarem memórias. Como suportes da memória, funcionam como extensão da capacidade humana de armazenar e recuperar informações, conhecimentos e acontecimentos vividos, projetos e planos futuros (ibid., 1996, p.314).

As postagens são permeadas sob uma abordagem que leva em conta as atitudes, as trocas, as tradições, as alteridades e as práticas sociais das épocas pretéritas. Paul Connerton (1993) destaca três tipos de memória: a pessoal – as descrições que fazemos de nós próprios; a cognitiva – o objeto que a pessoa que o recorda tenha encontrado sentido ou ouvido falar dele no passado; hábito – na capacidade de reproduzir uma ação. O autor avança nas considerações e cria um parâmetro para identificar o modo como as memórias são produzidas: “A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade” (CONNERTON, 1993, p.26).

Este ponto de vista é partilhado, por exemplo, pela pesquisadora Lucia Santaella na palestra “O DNA das redes sociais”, proferida no evento nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) 2013, Manaus – Amazonas, a pesquisadora comentou sobre o deslizamento afetivo que ocorre no Facebook. Ela acredita que esta rede social promove a ampliação da memória na cooperação da web 2.0, gerando uma cultura participativa, assimilativa, da convivência.

> Ao descolar a subjetividade do sujeito, torna-se necessário traçar uma cartografia que vá além dos limites do indivíduo, levando o território do subjetivo até as maquinarias impessoais reguladoras da socialidade. É só no domínio dos arranjos coletivos que a subjetividade pode inventar arranjos singulares (SANTAELLA, 2003, p.38).

Para a autora, a multiplicidade identitária do sujeito: “encontrou no ciberespaço os ambientes lúdicos nos quais se tornou possível brincar com as construções subjetivas e intersubjetivas” (SANTAELLA, 2003, p.40). No *blog* e no Facebook encontramos fotografias que mesclam passado e presente e que favorecem uma ressignificação da memória da cidade pela visualização e monumentos do passado.

**Como tudo começou...**

A *fanpage* “Maria do Resguardo” derivou dos trabalhos no *blog* “Maria do Resguardo”, criado em 2009, na cidade de Juiz de Fora, MG. O *blog* possui um rico acervo de fotografias antigas e disponibiliza mais de 5000 imagens, com 277 membros e 762.518 acessos até o presente momento. A criação do *blog* “Maria do Resguardo” partiu da ideia de Marcelo Lemos, nascido na década de

70 e criado em Juiz de Fora. Ele trabalha com comércio, uma loja de CDs há 20 anos no mesmo local, centro da cidade. É na loja que ele faz as postagens no *blog* e reúne os colaboradores e simpatizantes da página. Existe uma foto da lápide de uma mulher na apresentação da página. O nome do *blog* é de alguém que nunca existiu. A identidade da mulher da página inicial nunca foi revelada para os internautas, mas se trata da esposa de Lemos, que ainda é viva. A moldura da foto é apenas uma brincadeira... A Maria também não é real, o *blogger* gostou do nome e acha que a palavra resguardo remete a guardar coisas antigas.

Marcelo Lemos sempre gostou de fotos antigas. E também de móveis, carros e outros objetos. Mas achava muito difícil conseguir imagens porque considerava os colecionadores de Juiz de Fora muito fechados: "Eles acham que a história pertence a eles. No momento em que divulgam a foto, ela perde aquele encanto da raridade, da preciosidade. Eu não vejo dessa forma. Foi assim que eu tive a ideia de criar o blog com as fotos que eu já tinha em mãos" (LEMOS, 2012). Mas depois as pessoas começaram a fornecer material para Lemos.

Alguns marcadores[11] são utilizados para organização do material no blog e para facilitar a busca do internauta, sendo os seguintes citados com maior conteúdo: "Juiz de Fora Antiga" (430), Bairros (453), Av. Rio Branco (371), Veículos (188), Escolas (168), Rua Halfeld (143), Praças (141), Panorâmica (115), Igreja (113), Esportes (109) e Mídia (104). "Em cada nicho desses misturam-se imagens de diversas datas, não há uma divisão suficientemente clara e objetiva de fotografias, pois as postagens são aleatórias, de acordo com a subjetividade de Lemos" (RABELLO, MUSSE, 2012).

O *blog* cumpre bem o papel tanto de disponibilizar uma enxurrada de imagens e conteúdos, quanto de trazer à tona as memórias de seu idealizador e da

[11] Disponível em: http://mariadoresguardo.blogspot.com.br/ Acesso em: 02 de mar de 2014.

população da cidade. E também possui quatro coordenadores e sete colaboradores que auxiliam na seleção de fotografias. Talvez por isso seja evidente o grande número de fotos de patrimônios, espaços públicos, ou de alguma região importante comercial, política ou historicamente no município. “As pessoas não postam fotos da vida privada, o enfoque é no físico da cidade, nos lugares monumentais, de comemoração” (RABELLO, MUSSE, 2012). Temos, por exemplo, registros da Rua Halfeld, uma das principais do centro, com galerias que transformam a cidade em um grande shopping a céu aberto. Ou então, fotos da Avenida Rio Branco, que é uma das maiores em linha reta do Brasil[12].

**O coletivo de imagens da *fanpage* “Maria do Resguardo”**

Aproveitando a possibilidade de transitar entre *blog* e Facebook, o gestor do conteúdo “Maria do Resguardo” sempre disponibiliza links de um e de outro em suas postagens, o que incentiva o acesso ao blog pelos membros da fanpage, que são maioria. Derivada do *blog* homônimo, a *fanpage* “Maria do Resguardo” promove tanto a rememoração da cidade como também discussões sobre os impactos das alterações urbanas na sociabilidade da população local. A *fanpage* possui vinte e oito álbuns de fotos, divididos aleatoriamente. Aparentemente, houve a tentativa de se categorizar as fotos, dividindo-as com os nomes dos marcadores utilizados no *blog*, tais como: “bairros” e “centro”, “praças” e “teatros”, “panorâmicas”, “bondes” além de fatos marcantes para a cidade, como uma grande enchente que acometeu a cidade na década de 1940. No entanto, devido ao caráter colaborativo da *fanpage*, as categorias acabaram por se confundirem. Os integrantes participam ativamente da página, fugindo a uma tendência atual de se “curtir” páginas apenas com o objetivo de participar de sorteios e promoções.

[12] Extensão Total de 6,4 km, sendo 5,7 km em linha reta. Disponível em: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=603703 Acesso em: 02 de mar de 2014.

Em entrevista cedida para a autora, o gestor da fanpage, Marcelo Lemos, destacou que o levantamento das fotos que são postadas na página demanda tempo e investigação. Este trabalho leva a uma característica positiva desta *fanpage*: a maior parte das fotos possui uma descrição detalhada, característica não muito comum devido ao imediatismo das informações normalmente compartilhadas nas redes sociais. Ocasionalmente, alguma foto é publicada sem descrição e o gestor solicita auxílio aos membros da página para localizar o endereço, data e situação que envolve a imagem.

Sobre esse coletivo digital Armando Silva defende que o álbum tradicional feito com fotos de papel não morreu. “Persiste em formatos digitais alimentando a mais poderosa rede mundial de intercâmbios de cópias com as quais construímos a imagem de nós mesmos. Agora diante de nossa família-mundo” (SILVA, 2008, p. 13). E as memórias de lugares ligados através do coletivo digital “podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p.3). As trocas afetivas, melancólicas vão revelando memórias subterrâneas ou até desconhecidas da cidade. O imaginário de Juiz de Fora se encontra disperso em meio a essas novas manifestações da memória coletiva na recuperação da possível identidade da cidade.

O álbum, segundo Leite (2000), é um arquivo fotográfico de suma importância para compreensão do momento histórico vivido pelo homem moderno. Para Leite, a fotografia oferece ao homem a oportunidade de transformar-se em “objeto imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantém presentes momentos sucessivos da vida ou ter presente a memória” (2000, p.43). Outra perspectiva é apresentada por Paula Sibilia (2008): a fotografia enquanto relato. As fotografias registram certos acontecimentos da vida cotidiana e os congelam pra sempre

em uma imagem fixa. “Com a facilidade técnica que este dispositivo oferece na captação mimética do instante, a câmera permite documentar a própria vida: registra a própria vida e a experiência de se estar vivendo” (SIBILIA, 2008, p.33).

A fotografia não existe simplesmente com a função de imitar a realidade, mas sim de prolongar aquilo que existiu um dia. Assim, ela funciona como uma memória social que é capaz de eternizar pessoas, locais, momentos que provavelmente não se repetirão: “a Fotografia traz consigo seu referente, ambos atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão colados um ao outro, membro por membro [...]” (BARTHES, 1984, p.15).

De acordo com os estudos de psicologia da memória o movimento na direção da imagem é impreciso, pois: “Em nenhum momento se pode dizer com precisão onde a ideia ou a imagem-lembrança termina e onde começa a imagem-lembrança ou a sensação” (BERGSON, 2006, p. 60). Henri Bergson complementa explicando a causa de uma lembrança se tornar imagem: “De modo geral, de direito, o passado só retorna à consciência na medida em que possa ajudar a compreender o presente e a prever o porvir: é um batedor da ação” (ibid., 2006, p. 61). Esse boom que vem se apresentando nas redes sociais através de grupos do Facebook, blogs, sites que desejam tratar do assunto revelam essa condição de angústia pela preservação da memória como resposta a aceleração do tempo, a fugacidade do contemporâneo.

**Considerações finais**

Guiamos o artigo na perspectiva de que a memória reside não apenas nos registros do passado, mas na ressignificação do presente. E que a Juiz de Fora, do *blog* e da *fanpage* “Maria do Resguardo” talvez, possa ser ao mesmo tempo

uma Juiz de Fora do presente, ao registrar a memória do passado. A dimensão espacial, arquitetônica e monumental é trabalhada no blog através de mais de 5 mil fotografias antigas expostas em preto e branco.

Existem mais fotos de lugares e monumentos do que de pessoas, estabelecendo um distanciamento entre o público e o privado porque não são postados aspectos da vida comum, situações em família, fotos de si, algo muito diferente da exposição narcísica que observamos em redes sociais na atualidade. Parece que nesse exercício de memória não existe o objetivo de definição das identidades pelas pequenas histórias, o que prevalece é a coesão de imagens que revela um todo grandioso, o conhecimento objetivo do mundo.

Outra questão curiosa é que encontramos poucas postagens de fotojornalismo, numa cidade em que a imprensa de papel é tão fundamental para o registro do cotidiano. A maioria das imagens é apropriada de outros autores: não é do criador do blog ou dos colaboradores. É interessante considerar também que não são os próprios fotógrafos ou a família deles que publicam as fotos.

Ao longo das observações percebemos que a *fanpage* e o *blog* são sincronizados e o gestor busca constantemente promover a interação entre essas mídias. A *fanpage* está conseguindo atingir um público bem mais extenso que o *blog*. Isso pode ser ocasionado pelas ferramentas disponibilizadas na rede social Facebook: por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos os usuários difundem os temas em questão com uma velocidade muito maior do que aconteceria somente com as postagens do *blog*.

A partir das postagens, os membros da *fanpage* manifestam as memórias individuais e discutem também as memórias coletivas. Locais públicos, prédios, meios de locomoção e eventos são destacados quando já não existem mais. A

impossibilidade de revisitar um local ou participar de uma situação cotidiana do passado gera uma grande nostalgia entre os usuários. A rememoração também serve como motivação para buscar a preservação do patrimônio histórico/cultural da cidade.

Deixamos claro que devido à extensão de conteúdo disponível no *blog* e na *fanpage* e também ao fato de que a pesquisa de mestrado da qual derivou este artigo se encontra em andamento, não será possível uma análise mais minuciosa e aprofundada que levam à manifestação da memória, seria necessário um trabalho detalhado e extenso, além da análise do conteúdo publicado.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**


Acervo Fotografias Museu Mariano Procópio. Acesso em: 02 de mar de 2014. Disponível em http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Rosane%20Carmanini%20 Ferraz.pdf

Augé, Marc. (1994). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da super modernidade*. Campinas: Papirus.

Barthes, R. (1984). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. (185 p.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bergson, H. (2006). A memória ou os graus coexistentes da duração. In: *Memória e Vida.* (pp. 47-93). São Paulo: Martins Fontes.

Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.

Estadao. *Números do Facebook no Brasil.* Acesso em: 02 de mar de 2014. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-*Facebook*-no-brasil/

Facebook. Acesso em: 02 de mar de 2014. Disponível em: http://www.agenciars.com.br/blog/historia-do-facebook-mark- zuckerberg

G1. Acesso em: 02 de mar de 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html

Gomes, R. C. (2008). *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco.

Gomes, R. C., Margato, I. (orgs.). (2008). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia.* Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva.* (224p). São Paulo: Centauro.

Huyssen, A. (2000). *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.* Rio de Janeiro: Aeroplano.

IBGE. Acesso em: 02 de mar de 2014. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/

Imprensa De Juiz De Fora. Acesso em: 02 de mar de 2014. http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf

Jardim, R. (1975). *Cheiros e ruídos: estórias [por] Rachel Jardim*. (78p.). Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília: INL.

Leite, M. M. (2000). Retratos De Família. Leitura da Fotografia Histórica- (2ª ed.rev.) – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Lemos, M. *Entrevista concedida a autora* em 09 de junho de 2012.

Marcondes F., C. (org). (1996). *Pensar - pulsar. Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade.* São Paulo, Edições NTC.

Nava, P. (2012). *Baú de ossos*. 506p. São Paulo: Companhia das Letras.

Nora, P. (1998, novembro). Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História***,** (17), 7-15. São Paulo: PUC.

Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, *5* (10), 200-212. Rio de Janeiro.

Rabello, R. P., & Musse, C. F. (2012). *Maria do Resguardo: o blog como lugar da memória de Juiz de Fora.* IV Encontro Nacional da Ulepicc - Brasil – Rio de Janeiro- RJ.

Rolnik, R. (1998). *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense.

Santaella, L. (2003). *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. (357p.) São Paulo: Paulus.

Sibilia, P. (2008). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Silva, A. (2008). *Álbum de família: a imagem de nós mesmos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.

Web 2.0. Acesso em: 02 de mar de 2014. Disponível em: http://www.brasilescola.com/informatica/web-20.htm

## ANEXOS

**Figura 1:** Visual da *fanpage* “Maria do Resguardo”. Disponível em: https://www.facebook.com/MariadoResguardo.

**Figura 2:** Visual do *blog* “Maria do Resguardo”. Disponível em: http://www.mariadoresguardo.com.br/.